



## **SEXUALIDADE NO CURRÍCULO ESCOLAR: DISCIPLINARIDADE OU TRANSVERSALIDADE?**

### **SEXUALITY IN THE SCHOOL CURRICULUM: DISCIPLINARITY OR TRANSVERSALITY?**

**Suzana da Conceição de Barros<sup>1</sup>, Raquel Pereira Quadrado<sup>2</sup>, Paula Regina Costa Ribeiro<sup>3</sup>.**

<sup>1</sup>Universidade Federal do Rio Grande, PPG Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde.  
suzinhab@yahoo.com.br.

<sup>2</sup>Universidade Federal do Rio Grande, Instituto de Educação, PPG Educação em Ciências: Química da  
Vida e Saúde. raquelquadrado@yahoo.com.br.

<sup>3</sup>Universidade Federal do Rio Grande, Instituto de Educação, PPG Educação em Ciências: Química da  
Vida e Saúde. pribeiro@vetorial.net.

#### **Resumo:**

Este artigo tem como objetivo analisar algumas narrativas da equipe pedagógica e diretiva sobre a sexualidade no currículo escolar, buscando problematizar se a mesma deve ser discutida em uma disciplina ou de maneira transversal. Nesse estudo, estabelecemos algumas conexões com os Estudos Culturais, nas suas vertentes pós-estruturalistas. Usamos como estratégia metodológica a investigação narrativa, utilizando como ferramentas de coleta de dados a entrevista semi-estruturada e o grupo focal. Analisando as narrativas percebemos que eles/as entendem que as temáticas de corpos, gêneros e sexualidades devem ser discutidas em uma disciplina específica e que a disciplina de ciências continua sendo um dos lugares considerados autorizados e privilegiados para se falar sobre tais temáticas. Entendemos que esses profissionais podem contribuir para que a sexualidade seja discutida nas diversas áreas do saber uma vez que eles/as desempenham nas suas escolas o papel de mediadores/as do processo ensino-aprendizagem.

**Palavras-chaves:** sexualidade, equipe pedagógica e diretiva, currículo escolar, ensino de ciências.

#### **Abstract:**

This article aims at analyzing some narratives of the pedagogical and directive staff about sexuality in the school curriculum, in order to problematize if it must really be discussed as a subject or as a transversal matter. In this study, we established some connections with the Cultural Studies, in its post-structuralist streams. We use as a methodological the narrative investigation, applying as a tool of data collection the semi-structured interview and the focal group. Analyzing the narratives we notice that they (the staff) understand that the issues of body, gender and sexuality must be discussed as a specific subject and that the subject of Science is still considered one of

the places authorized and privileged to address such issues. We understand that these professionals can contribute in terms of the fact that sexuality may be discussed in several areas of knowledge, once they play a role in their schools as mediators of the teaching-learning process.

**Key-words:** sexuality, directive and pedagogical staff, school curriculum, Science teaching

## INTRODUÇÃO:

Este artigo refere-se a um recorte da dissertação de mestrado que desenvolvo no PPG Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde<sup>1</sup>, e tem como propósito analisar algumas narrativas da equipe pedagógica<sup>2</sup> (coordenadores, assistentes sociais, psicólogos, supervisores, entre outros) e diretiva sobre a sexualidade no currículo escolar, buscando problematizar se a mesma deve ser discutida em uma disciplina ou de maneira transversal. Desse modo, damos prosseguimento ao estudo<sup>3</sup> que estamos realizando, no qual buscamos compreender como as questões referentes aos corpos, gêneros e sexualidades, vêm sendo faladas e articuladas pela equipe pedagógica e diretiva, das escolas do Ensino Fundamental e Médio dos municípios de Rio Grande, São José do Norte, Santa Vitória do Palmar e Chuí.

A fim de discutir algumas possibilidades para trabalhar as temáticas de corpos, gêneros e sexualidades nas escolas, no ano de 2007, o Grupo de Pesquisa Sexualidade e Escola desenvolveu o projeto “Corpos, gêneros e sexualidades: questões possíveis para o currículo escolar”<sup>4</sup>. O mesmo teve como objetivo problematizar as temáticas de corpos, gêneros e sexualidades com cento e cinquenta profissionais da educação da região Sul do Estado do Rio Grande do Sul (municípios de Rio Grande, São José do Norte, Santa Vitória do Palmar e Chuí), discutindo e problematizando a diversidade sexual, as identidades de gênero, as formas de discriminação e de violência contra as mulheres, gays, lésbicas e transgêneros.

Considero importante, questionar e refletir sobre essas temáticas com esses/as profissionais, uma vez que eles/as desempenham o papel de mediadores/as nas suas escolas, buscando a integração de todos/as no âmbito escolar (alunos/as, professores/as, equipe diretiva, equipe pedagógica, cuidadores/as, isto é, a comunidade em geral). Ao contrário do que muitas vezes acontece na escola, esses profissionais não tem como função apenas resolver problemas na escola ou prestar atendimentos a alunos/as, pais ou cuidadores/as. Segundo Libâneo, Oliveira e Toschi:

as áreas de atuações desses profissionais estão divididas em três blocos: o primeiro, de áreas vinculadas às finalidades da escola (projeto, currículo, ensino); o segundo, daquelas relacionadas aos meios (práticas de gestão e desenvolvimento profissional); o

---

<sup>1</sup> Esse Programa é uma associação ampla UFRGS, FURG, UFSM.

<sup>2</sup> Nesse trabalho entendemos uma assistente social e dois psicólogos como integrantes da equipe pedagógica, pois os mesmo desempenham papéis importantes nas discussões relacionadas a sexualidade na região de Santa Vitória do Palmar.

<sup>3</sup> Está pesquisa é financiada pelo CNPq.

<sup>4</sup> Esse projeto foi selecionado em um edital, no ano de 2006, do Ministério da Educação e Secretaria Especial dos Direitos Humanos da Presidência da República.

último, o da avaliação, envolvendo todas as demais áreas, incluindo os objetivos e os resultados. (2007, p.355)

Nesse trabalho me detenho mais a primeira atribuição desses profissionais, isto é, na atuação no planejamento e construção do currículo escolar, através de projetos pedagógicos, “na escola, a direção, os especialistas (coordenadores/as, supervisores/as, orientadores/as, assistentes sociais, psicólogos/as), os professores, os funcionários estão envolvidos em uma atividade conjunta, para a formação humana dos alunos”. (LIBÂNEO, OLIVEIRA E TOSCHI 2007, p. 357) [grifos meus]. Desse modo entendemos que esses/as profissionais devem estar enfatizando a inclusão de discussões em torno do conhecimento e das questões sociais.

Entendemos que as temáticas de corpos, gêneros e sexualidade, estão inseridas dentre as questões sociais, fazendo parte do cotidiano das escolas, seja na separação das filas entre meninas e meninos, nos namoros no corredor ou na gravidez de uma adolescente, todas essas situações fazem parte do dia-a-dia dessa instituição, portanto, estão presentes no currículo escolar, devendo ser discutidas e problematizadas nas escolas.

Não consideramos o currículo escolar apenas como uma lista de conteúdos a serem trabalhados ao longo do ano, que devem ser vencidos a todo custo, ou a avaliação, provas, trabalhos e distribuições de horários. Não entendemos que o currículo está envolvido apenas com a transmissão de conteúdos, mas sim com a constituição dos sujeitos. Nesse sentido, currículo não é neutro, ele está envolvido em relações de poder<sup>5</sup>, e nos ensina “posições, gestos, formas de se dirigir às outras pessoas (às autoridades, ao outro sexo, a outras raças), movimentos, que nos fixam como indivíduos pertencentes a grupo sociais específicos” (SILVA, 2003, p. 203). Por esses motivos, entendemos o currículo como qualquer outro artefato cultural<sup>6</sup> ou como qualquer outra prática cultural, pois ele participa da na nossa constituição como sujeitos. Segundo Silva:

Como qualquer outro artefato cultural, como qualquer outra prática cultural, o currículo nos constrói como sujeitos particulares, específicos. O currículo não é, assim, uma operação meramente cognitiva, em que certos conhecimentos são transmitidos o sujeito dados e formados de antemão. O currículo tampouco pode ser entendido como uma operação destinada a extrair, a fazer emergir, uma essência humana que pré existia à linguagem, ao discurso e à cultura. Em vez, disso, o currículo pode ser visto como um discurso que, ao corporificar narrativas particulares sobre o indivíduo e a sociedade, nos constitui como sujeitos- e sujeitos também muito particulares, **sujeitos de um sexualidade**. (2003, p.195)[grifo meus]

---

<sup>5</sup> Entendemos poder na perspectiva de Foucault, como uma relação de ações sobre ações, algo que se exerce, que se efetua e funciona em rede. Nessa rede, os indivíduos não só circulam, mas estão em posição de exercer o poder e de sofrer sua ação e, conseqüentemente, de resistir a ele. (FOUCAULT, 2006).

<sup>6</sup> Para Britzman (2007 p.106). “poderíamos considerar a cultura não como um objeto sagrado e venerado a ser protegido e preservado, mas como um local altamente contestado e contraditório, no qual o descontentamento e descontente são produzido, no qual a geopolítica da sexualidade recusa a estabilidade de fronteiras culturais, nacionais, de gênero e sexuais”.

Nesse sentido, entendemos que a escola com o seu currículo, vem desempenhando um papel de destaque no engendramento dos corpos, dos gêneros e das sexualidade, formando sujeitos sexuais e por isso vêm tratando dessas questões. Compreendemos a sexualidade não apenas como materialidade biológica, universal e enfocada na genitália, mas sim como “construção histórica, cultural e social, que articula saberes e poderes para o governo do sexo através dos corpos e das maneiras de as pessoas viverem seus prazeres” (RIBEIRO, 2007, p.8). Assim, para Weeks (1993, p. 21), “não podemos esperar entender a sexualidade observando simplesmente seus componentes ‘naturais’. Esses só podem ser entendidos e adquirir significado graças a processos inconscientes e formas culturais”.

A escola enquanto um espaço sexualizado e generificado (LOURO, 1998) como qualquer outra instância social, deve contribuir para a discussão de questões relacionadas à sexualidade. Ao (re) visitar a história da educação sexual no Brasil, verificamos que foi a partir de meados dos anos 80 que os trabalhos na área da sexualidade aumentaram, pois houve uma preocupação por parte dos professores com o crescimento da gravidez indesejada entre os jovens e com o risco de contaminação de DST/Aids (BRASIL, 1998). Antes disso, essas temáticas só eram discutidas no âmbito privado, isto é, apenas a família era responsável por debater-las. Para Louro (1998, p.86) “a sexualidade, não há como se negar, é mais do que uma questão pessoal e privada, ela se constitui num campo político, discutido e disputado”.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais – Temas Transversais contribuíram para que essa temática pudesse estar sendo discutida no currículo escolar, para esse documento, “por essas questões tratarem de questões sociais, os temas transversais têm natureza diferente das áreas convencionais. Sua complexidade faz com que nenhuma área, isoladamente, seja suficiente para abordá-los”. (BRASIL, 1998 p.36). Dessa forma, os PCNs vêm com a proposta de que a orientação sexual, seja discutida na escola, mas não apenas em uma disciplina específica, instituindo uma voz autorizada, mas como uma tema que perpassasse todas as áreas do saber, sendo discutida dessa forma nas diversas disciplinas.

A escola, com o seu currículo, tem uma papel de destaque na formação de identidades<sup>7</sup> - sexuais, de gêneros, de raça, entre outras -, sendo um importante espaço para as discussões das questões vinculadas a sexualidade, portanto todos os profissionais que estão envolvidos com a construção do currículo escolar devem discutir e problematizar as questões de corpos, gêneros e sexualidade nas escola. Para Jacoby, Nogueira, Correia e Silva (1999, p.91) “todos que lidam com os alunos no espaço escolar são educadores”. Desse modo, entendemos que os profissionais da equipe pedagogia e diretiva das escolas devem estar atento/a as questões da sexualidade, que não só estão presentes no cotidiano da escola, mas também fazem parte dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), constituindo um dos temas transversais - Orientação Sexual. Portanto, segundo ALTMANN (2001, p. 2) “cabe à escola – e não mais apenas à família – desenvolver uma ação crítica, reflexiva e educativa que promova a saúde das crianças e dos adolescentes”.

Nesse sentido, entendemos que os/as profissionais da equipe pedagógica e diretiva, possuem uma função de destaque, pois atuam como articuladores/as do Projeto Político-Pedagógico, mediadores/as do processo ensino-aprendizagem e das relações

---

<sup>7</sup> Entendo que os sujeitos são constituídos por múltiplas identidades, que são instáveis, fluidas e contraditórias e não algo único, não passível de mudanças.

professor/a - aluno/a, tendo também a função de estar promovendo e incentivando a discussão dessas temáticas na escola.

## **ESTRATÉGIAS METODOLÓGICAS:**

As pesquisas na área educacional têm seguido, nas últimas décadas, os mais variados tipos da abordagem qualitativa, tendo como um dos objetivos estabelecer a interação do pesquisador/a com o sujeito pesquisado/a e seu contexto sociocultural. Essa abordagem defende a idéia de que o homem só pode ser compreendido dentro de uma determinada situação cultural, num certo espaço, numa certa época. Tal entendimento nos levou a escolha da investigação narrativa como estratégia metodológica desta pesquisa, para Quadrado “as narrativas são como formações discursivas através das quais os significados vão sendo produzidos nos diversos contextos culturais”. (2006, p.37).

Esta pesquisa está sendo realizada com a equipe pedagógica e diretiva, pois foi solicitado as escolas participantes do projeto “Corpos, Gêneros e Sexualidades: questões possíveis para o currículo escolar” que inscrevessem um/a professor/a em regência em sala de aula e um/a profissional da equipe pedagógica ou diretiva. Direcionamos esse trabalho para esses/as profissionais, uma vez que nossos estudos estavam centrado nos professores/as e por entender que esses/as profissionais exercem papéis importantes nas discussões relacionadas a sexualidade nas escolas assim como os/as professores/as, já que os mesmos participam da construção, coordenação e planejamento do currículo escolar.

Desse modo, utilizamos com ferramentas para produção dos dados narrativos entrevistas semi-estruturada. Foram entrevistados seis profissionais da região de Santa Vitória do Palmar e Chuí, sendo dois psicólogos, uma assistente social, uma supervisora escolar, uma coordenadora escola e uma orientadora educacional, dentre os profissionais citados apenas a orientadora e a coordenadora educacional trabalham especificamente em escola, os/as profissionais restantes exercem suas funções na Secretaria Municipal da Educação, auxiliando as escolas de toda a região, nas diversas discussões.

Na região de Rio Grande e São José do Norte, foram entrevistados/as oito profissionais dessas equipes, sendo cinco orientadoras educacionais e três vice-diretoras, que trabalham diretamente em suas respectivas escolas. De todos/as os/as entrevistados/as apenas um era homem, e desempenha a função de psicólogo na região de Santa Vitória e Chuí, sugerindo que o gênero feminino é predominante nessas funções.

Também utilizamos o grupo-focal<sup>8</sup>, como uma estratégia para aprofundar as discussões realizadas no decorrer das entrevistas. O mesmo consistiu na reunião de todos os sujeitos entrevistados para a discussão relacionadas as temáticas de corpos, gêneros e sexualidades. Esse grupo serviu como condição de possibilidade, para que as discussões atreladas a essas temáticas pudessem emergir ou (re) aparecer, já que algumas discussões já haviam sido realizadas ao longo das entrevistas. Foi através do grupo focal que ampliamos nossas discussões entorno da sexualidade no currículo escolar, discutindo a questão da disciplinaridade e transversalidade, percebendo que as discussões de tais temáticas continuam sendo realizadas no ensino de ciências, mesmo

---

<sup>8</sup> O grupo focal se caracteriza como uma técnica de pesquisa qualitativa, muito utilizada quando se tem como objetivo conhecer “representações, percepções, crenças, hábitos, valores, restrições, preconceitos, linguagens e simbologias prevalentes no trato de uma dada questão por pessoas que partilham alguns traços em comum” (GATTI, 2005, p. 11).

com os PCNs temas-transversais, que tem como proposta que a discussão da sexualidade se realize nas diversas disciplinas, além disso, notamos através das entrevistas e do grupo focal que a discussão das questões vinculadas a sexualidade ainda estão atrelada a materialidade biológica, sendo ela discutida de maneira transversal, no ensino de ciências ou em uma disciplinas.

A estratégia de análise consistiu em “olhar” nas narrativas desses/as profissionais da educação a rede de enunciados que emergiu no transcorrer das entrevistas, engendrando a sexualidade. Porém, não estamos considerando que os enunciados que emergiram representaram a totalidade do que os/as profissionais tinham e têm a dizer ou pensam a respeito dos corpos, gêneros e sexualidades, pois, como diz Larrosa (1996, p. 461-462) “as narrativas pessoais se produzem e se medeiam em diferentes contextos sociais e com diferentes propósitos”.

### **DISCUTINDO A SEXUALIDADE NO CURRÍCULO ESCOLAR: EM UMA DISCIPLINA, NO ENSINO DE CIÊNCIAS E/OU DE MANEIRA TRANSVERSAL.**

Ao analisar as narrativas da equipe pedagógica e diretiva observamos que os mesmos entendem que as temáticas de corpos, gêneros e sexualidades devem ser discutidas em uma disciplina específica, isto é, ser de responsabilidade de alguma disciplina já instituída no currículo escolar, como em ciências e ensino religioso, por exemplo. Como podemos percebermos no fragmento abaixo:

*[...] eu acho que teria que ser incluído, nos conteúdos, nas disciplinas, por exemplo, ensino religioso, em ciências, claro que no ensino fundamental é o próprio professor que iria trabalhar né. (M.)<sup>9</sup>*

*[...] eu acho assim todos os profissionais tem que estar preparado quando emergir alguma né, mas eu acho que tem que ter, colocar dentro de uma disciplina assim, para ser bem trabalhado e também em conjunto né, eu acho assim na tarde o professor trabalha em matemática, em ciências, o professor do currículo, que a gente chama série iniciais, consegue trabalhar na matemática, ciências, estudos sociais, ele consegue abordar, já o professor que cada um tem a sua disciplina, eu acho meio difícil, porque tem 45 min, eles podem até dar um orientada mas [...](B.)*

O pensar disciplinarmente está envolvido na nossa constituição como sujeitos modernos, fomos interpelados pelo discurso positivistas, em que o conhecimento deve ser fragmentado e dividido em áreas do saber. Para Jacoby, Nogueira, Correia e Silva:

os entendimentos, fundamentados acentuadamente no modelo positivista de pensamento, desde o século XIX, tornaram-se complexos e fragmentados. A postulação básica da ciência positivista de todo saber só se torna possível pela restrição nos campos de estudos, delimitando o conhecimento, recostando e dividindo a realidade em objetos disciplinas ou áreas dos saber. (1999, p.87)

Desse modo, percebemos que uma das possibilidades que permite esse entendimento, de que a sexualidade deve estar em uma disciplina se relaciona ao fato de

---

<sup>9</sup> No intuito, de preservar a identidade desses profissionais refiro-me a elas/ele utilizando a inicial de seus nomes.

sermos constituídos por esse momento histórico, cultural, econômico e social, que tem uma perspectiva de que o conhecimento deve ser dividindo em áreas do saber.

Também percebemos nas falas desses/as profissionais que a disciplinas de ciências continua sendo um dos lugares considerado autorizado e privilegiado a falar sobre a sexualidade, a mesma se tornou um campo legítimo para discussões de tais questões na escola, como percebemos nos enxertos abaixo:

*[...] é mais envolvido com a professora mesmo de ciências, e ela gosta muito, é uma pessoa assim dinâmica, que ta sempre integrada nos projetos da secretaria, então já, a gente faz uma pacote eu e ela, eu trago material para ela, empresto ai ela usa (G.)*

*[...] a 7ª e a 8ª série ele [professor de ciências] aborda bem essa questão da gravidez, de sexualidade, do uso da gravidez também, dos contra, dos métodos contraceptivos, porque ele tem um livro também trás isso, então ele aborda bem essas questões (M.A.)*

*[...] a professora também da 3ª e da 4ª série, dentro da área de ciências, elas trabalham isso, também me ajudam, a questão da higiene né, que eles estão bem na idade assim, em que começam certos cheiros e coisa, e eles não se dão conta né. [...]* (S.)

O entendimento da ciência como uma área do saber privilegiada para tratar das questões da sexualidade está vinculada, a um entendimento da sexualidade vinculada à aquisição de conhecimentos científicos (categorias e descrições) dos sistemas reprodutores e à genitalidade – atributo biológico compartilhado por todos, independente de sua história e cultura. Assim, para Ribeiro (2003.p.69)

os discursos científicos engendram a sexualidade como um atributo de natureza biológica, vinculada às características anatômicas, internas e externas, dos corpos, fixando nessas características a sexualidade e as diferenças atribuídas aos homens e mulheres.

Além disso, esse atrelamento da sexualidade com a disciplina de biologia e ciências também está envolvido com a ciência moderna que coloca em discurso o sexo, legitimando o que deve ou não ser falado, onde e quem deve discutir as questões relacionadas a sexualidade. De acordo com Cruz (2008, p.1) “essa ligação entre ciência e sexualidade, ou o “enquadramento” do sexo como objeto de estudo de uma ciência tem suas raízes estabelecidas a partir do desenvolvimento da Ciência Moderna, que buscou através de um conjunto de discursos, estabelecer os lugares do sexo a partir da construção de um discurso sobre o sexo”.

No entanto, ao colocar a sexualidade em uma determinada disciplina se enclausura, se reduz ela em apenas uma possibilidade de discussão. Segundo Veiga-Neto:

as disciplinas são partições e repartições - de saberes e de comportamentos – que estabelecem campos especiais, específicos, de permissões e interdições, de modo que elas delimitam o que pode ser dito/pensado e feito (contra o que não pode ser dito/pensado e feito). (2008, p. 47)

Nesse sentido, inserindo a sexualidade em uma determinada disciplina, fragmenta-se esse assunto, institui-se o que deve ser discutido e delimita-se a temática em apenas uma área do conhecimento, não se abre possibilidades para as discussões das diversas áreas. “a disciplinaridade vem a ser um dos procedimentos internos de controle

e delimitação dos discursos e, como tal, um procedimento que classifica, que ordena, que distribui” (VEIGA-NETO,1995, p.37).

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN)- Temas Transversais, vem com o propósito de inserir a discussões das questões relacionadas a sexualidade no currículo escolar, além disso trazem a possibilidade de “borrar” as fronteiras disciplinares, isso é, esse documento vêm com a proposta de trabalhar a sexualidade, nas diversas áreas do conhecimento, levando em consideração a contribuição das diversas disciplinas. Segundo os PCN - Temas Transversais:

experiências pedagógicas brasileiras e internacionais de trabalho com a orientação educacional, têm apontado a necessidade de que tais questões sejam trabalhadas de forma contínua e integrada, uma vez que seu estudo remete à necessidade de se recorrer a conjuntos de conhecimentos relativos a diferentes áreas do saber. (BRASIL, 1997, p.36).

Dentre os profissionais entrevistados, uma das profissional participante da pesquisa entende que essas questões devem ser discutidas nas diversas disciplinas, considerando importante que cada professor debatesse essa temáticas em suas aulas, pois essas temáticas podem emergir nas aulas e na disciplina de qualquer docente. Conforme o fragmento abaixo exemplifica:

*Eu acho que deveria ser trabalhado em todas as disciplinas, porque eu vejo assim ó [...] como é que tu vai colocar sexualidade na aula de matemática, mas o professor tem que saber aproveitar, o que esta havendo, fazer do limão uma limonada, aproveitar o momento que acontecer na sala de aula, porque a situação, por qualquer problema da sexualidade, vai acontecer, numa brincadeira, ou sei lá o que, em qualquer momento com qualquer professor.(G.)*

Nesse sentido, ao colocar a sexualidade no currículo escolar como um tema transversal, estamos entendendo-a como uma área do conhecimento que deve ser discutida e que recebe contribuição das diversas áreas do saber, tais como: biologia, medicina, matemática, educação, psicologia, história, português entre outras possibilidades e não estamos reduzindo-a e fragmentando-a em apenas uma disciplina, além de não instituímos um tipo de profissional responsável por debate-la.

A partir das narrativas desses profissionais verificamos que as temáticas de corpos, gêneros e sexualidade quando são discutidas, seja em uma determinada disciplina, no ensino de ciências ou de maneira transversal, estão sempre atreladas ao discurso biológico, isto é, a sexualidade vinculada apenas aos sistemas reprodutivos, ao ato sexual e a higiene pessoal, como percebemos nas narrativas abaixo:

*[...] vieram falar sobre, aparelho reprodutor, as enfermeiras vieram, falaram sobre gravidez, essas coisas e já vieram outro dia, e falaram sobre as doenças sexualmente transmissíveis (S.).*

*[...] então isso é trabalhado já, desde a 5ª série, a higiene do corpo, a questão de conhecer os órgãos sexuais, as dúvidas que eles tem né, a questão de gravidez, que são questionamentos que vem deles, a princípios estão sendo trabalhado[...]. (V.)*

*[...] ela chega para mim e diz, a 7ª série tava falando hoje em fazer isso fazer aquilo na cama, não sei o que, e foi isso ai né, o que que aconteceu, passado um tempo, eu organizei um trabalho, fui lá fiz um trabalho com eles, né, algumas, levei um atividade que, que ajudou a criar algumas discussões né [...] (G.)*

Segundo Ribeiro (2002, p.74):

o discurso biológico tem ocupado um espaço privilegiado em relação a outros, visto que em muitos programas de educação sexual, manuais, livros, guias de educação sexual, como também no tema transversal Orientação Sexual (PCN) a sexualidade está prioritariamente vinculada ao conhecimento anátomo-fisiológico dos sistemas reprodutores, ao uso dos métodos anticoncepcionais, aos mecanismos e à prevenção das doenças sexualmente transmissíveis e da AIDS.

Dessa maneira, a sexualidade é vista como um atributo biológico, compartilhados por todos independente de sua história, cultura e sociedade, da qual fazemos parte, se tornando assim universal e vivida igualmente por todos. Para Louro.

a sexualidade também precisa ser compreendida no âmbito da história e da cultura. Nessa ótica, as identidades sexuais deixam de ser concebidas como meros resultantes de “imperativos biológicos” e passam a ser entendidas como constituídas nas relações sociais de poder, em complexas articulações e em múltiplas instâncias sociais. (2000, p.67)

Sendo a escola uma instância social, onde as identidade de gênero e sexuais também são constituídas, como qualquer outra instância social, entendemos que a mesma pode contribuir para discussão de questões relacionadas à sexualidade, nas diversas disciplinas, e ao longo de todas as propostas pedagógicas da escola, pois as temáticas corpos, gêneros e sexualidades, estão presente no currículo escolar.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS:**

Analisando as narrativas percebemos que a maioria profissionais entendem que a sexualidade deve estar em uma disciplina, e que a área de saber mais apropriada a discutir tais questões ainda é a área de Ciências. Dessa forma esses profissionais não consideram que “na prática profissional, induzimos, incitamos, desviamos, tornamos mais fácil ou mais difícil, produzimos, ampliamos ou limitamos o tema da sexualidade”(CAMARGO E RIBEIRO, 1999, P.32), isto é, todos os educadores, são responsáveis pela construção da sexualidade de seus alunos, e por isso a importância da mesma ser discutida nas diversas disciplinas, pois assim não se fragmenta o assunto, não lhe damos apenas um olhar, mas possibilitamos que a discussão inclua os saberes e conhecimentos de todas as disciplina. E cabe a esses profissionais da educação propiciar as discussões, incetivar aos professores/as a discutir esses assuntos e quando isso não for possível, eles mesmo entrarem em sala de aula ou promoverem discussões, que não sejam apenas pontuais, quando ocorrem problemas, mas sim um trabalho a nível de escola, que estejam permeando nas discussões de seus projetos.

Frente aos discursos hegemônicos presentes nas escolas e em outras instituições sociais sobre sexualidade, consideramos necessário, questionar e refletir sobre essa temática com esses/as profissionais uma vez que eles/as desempenham nas suas escolas o papel de articuladores/as do Projeto Político-Pedagógico, mediadores/as do processo ensino-aprendizagem e das relações professor/a - aluno/a. Além de também serem responsáveis por, discutir e questionar, os diversos discursos e práticas sobre algumas questões centrais no estudo da sexualidade como as identidades de gênero, a diversidade

sexual, as configurações familiares, o prazer, o desejo, as doenças sexualmente transmissíveis, a AIDS...

Esperamos que este estudo contribua com informações importantes sobre as questões relativas aos corpos, gêneros e sexualidades e também possibilite que os/as profissionais da educação interroguem-se e desestabilizem as suas compreensões e pedagogias vinculadas à sexualidade, abrindo “brechas” para a emergência de outras maneiras de pensá-la.

## **REFERÊNCIAS:**

ALTMANN, Helena. **Orientação Sexual nos Parâmetros Curriculares Nacionais.**

Revista: Estudos Feministas, 2º semestre, 2001.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Apresentação dos Temas Transversais.** Ética. Brasília: MEC/SEF, 1997.

CAMARGO, Ana Maria Faccioli; RIBEIRO, Cláudia. **Sexualidade(s) e Infância(s): a sexualidade como um tema transversal.** São Paulo: Moderna. 1999 (Educação em Pauta: temas transversais)

CRUZ, Izaura Santiago da. **Percepções de professoras de ciências sobre gênero e sexualidade e suas implicações no ensino de ciências e nas práticas de educação sexual.** Fazendo Gênero 8 -Corpo, Violência e Poder. Florianópolis: Editora: Mulheres, de 25 a 28 de agosto de 2008.

BRITZMAN, Deborah. **Curiosidade, Sexualidade e Currículo.** In: LOURO, Guacira Lopes (org.) O Corpo Educado: Pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder.** Rio de Janeiro: Graal, 2006.

GATTI, Bernardete Angelina. **Grupo focal na pesquisa em Ciências Sociais e Humanas.** Brasília: Líber Livro, 2005.

JACOBY, Jeane Larronda; NOGUEIRA, Maria do Carmo da Silva; CORREIA, Sandra Gomes; SILVA, Susana Saenger. **Orientação Sexual.** Revista: Paixão de Aprender, nº 11, março de 1999.

LARROSA, Jorge. **Tecnologias do Eu e educação.** In: La experiencia de la lectura. Barcelona: Laertes, 1996.

LIBÂNEO, José Carlos; OLIVEIRA, João Ferreira de; TOSCHI, Mirza Seabra. **Educação Escolar: políticas, estrutura e organização.** 5ª edição. São paulo: Cortez editora, 2007. (Coleção Docência em formação: saberes pedagógicos).

LOURO, Guacira Lopes. **Sexualidade: lições da escola.** In.: MEYER, Dagmar E. Estermann (org.) Saúde e sexualidade na escola. Porto Alegre: Mediação, 1998. (Cadernos Educação Básica; 4).

\_\_\_\_\_. Corpo, Escola e Identidade. **Educação & Realidade.** Porto Alegre, v.25, n. 2, jul./dez. 2000.

QUADRADO, Raquel Pereira. **Adolescentes: corpos inscritos pelo gênero e pela cultura de consumo.** Rio Grande, 2006. Dissertação (Mestrado Educação Ambiental) – Instituto de Educação, Universidade Federal do Rio Grande.

RIBEIRO, Paula Regina Costa. **Inscrevendo a sexualidade:** discursos e práticas de professoras das séries iniciais do Ensino Fundamental. Porto Alegre: PPG-Bioquímica/UFRGS. Tese de Doutorado. 2002.

\_\_\_\_\_. **Corpos, Gêneros e Sexualidades:** questões possíveis para o currículo escolar. Caderno Pedagógico Anos Iniciais. Rio Grande: Editora da FURG, 2007.

RIBEIRO, Paula Regina Costa, SOUZA, Diogo Onofre. Falando com professoras das séries iniciais do ensino fundamental sobre sexualidade: a presença do discurso biológico. **Enseñanza de las Ciencias.** Barcelona, v.21, p.67 - 75, 2003.

SILVA, Tomaz Tadeu da. Currículo e Identidade Social: Territórios Contestados. In: \_\_\_\_\_. Alienígenas na sala de aula: Uma introdução aos estudos culturais em educação. 5ª ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

VEIGA-NETO, Alfredo. **Crise da Modernidade e inovações curriculares: da disciplina para o controle.** In: Eliane peres et al.. (Org.). Trajetórias e processos de ensinar e aprender: sujeitos, currículos e culturas. 1 ed. Porto Alegre (RS): EDIPUCRS, 2008, v. , p. 35-58.

\_\_\_\_\_. **Michel Foucault e a Educação: há algo de novo sob o sol?** In.: \_\_\_\_\_. (org). Crítica Pós-estruturalista e Educação. Porto Alegre: Editora Sulina, 1995. p. 9-56.

WEEKS, J. **El malestar de la sexualidade:** significados, mitos y sexualidades modernas. Madrid: TALASA, 1993.